

1. Introdução

Em 1949, ao filmar *Stromboli, terra de Deus*, Roberto Rossellini dá um rumo inesperado à sua carreira. Em meio à fumaça vulcânica e as tempestades emocionais causadas por seu relacionamento com Ingrid Bergman, a mais famosa atriz de Hollywood à época, Rossellini rompe com o neo-realismo de clichê e põe em tela a questão do Sagrado e da Graça sem o fazer, entretanto, no quadro restrito das religiões formais, no caso, o catolicismo.

Após a consagração de *Roma, cidade aberta* e *Paisá*, instituídos como marcos de um novo Cinema, Rossellini faz um claro movimento em direção ao interior do ser humano, às suas dúvidas, angustias e inquietações. Passada a guerra e sua vertigem de morte e destruição, era aquele um tempo de reconstrução geral mas a indagação sobre o sentido da existência e o debruçar-se sobre o mistério permaneciam e era preciso voltar o olhar para esse Outro. Ao fazer esse movimento, Rossellini incorreu na ira de boa parte da crítica de esquerda que o acusou de haver traído os ideais neo-realistas, considerando *Stromboli*, *Europa 51* e *Viagem à Itália*, filmes subjetivistas e impregnados de psicologismo burguês.

Nesses três filmes, tanto em termos de dramaturgia como de mis-en-scène, Rossellini antecipava alguns olhares fundamentais do cinema moderno mirando os espaços em que personagens deambulam em busca de não se sabe bem o quê, espaços abertos às possibilidades do encontro com o mistério. Nos movimentos de oscilação e incerteza, nos ambientes de conflito e tensão que percebemos nesses filmes pode manifestar-se, emergir, afinal, o Sagrado.

Seria então o Sagrado, a cintilação de uma ordem diversa da ordem do cotidiano, espaço das questões relativas ao sentido da vida humana no Cosmos. Enfim, um defrontar-se e uma aceitação do caminho permanente de busca da face de Deus, sendo que essa aventura, no cinema de Rossellini, configura mesmo uma espiritualidade sem religião.

O surgimento do Sagrado em um mundo secularizado e laico, enredado às contingências, pode acontecer fora do campo explícito do Catolicismo, embora a referência cristã em Rossellini permaneça presente o tempo todo. Em *Francisco o arauto de Deus*, Rossellini apreende o numinoso, o Sagrado, tal como o define Rudolf Otto: algo brotado da experiência de conhecimento da alma que se dá através das situações no mundo e nos sentidos, por meio deles e junto com eles. É o rastro da presença divina, entre os pequenos acontecimentos, os “fioretti”, da vida de Francisco. Já nos filmes da trilogia dos sentimentos – *Stromboli*, *Europa 51* e *Viagem à Itália* – é no debruçar das personagens diante de seus abismos, que centelha e cintila o Sagrado; na contemplação dos amantes petrificados em Pompéia; no olhar que contempla a gente das ruas absorvida em seus mundos de sobrevivência e compromissos; até mesmo da janela de um hospital psiquiátrico, pode surgir, subitamente, a luz inesperada do Sagrado, a vivência de uma outra ordem mais além do Profano, uma permanência, um sinal de Deus.

Partindo da distinção que Mircea Eliade faz do Sagrado e do Profano, como dois modos de estar no Mundo, trabalharemos com o conceito de Graça conforme a teologia de Karl Rahner e a idéia de Henri Agel do novo nascimento que acontece ao indivíduo que vive experiências de revelação. Assinalando as situações do homem religioso no espaço sacralizado e do homem não- religioso do ateísmo contemporâneo que anseia por uma nova ética no mundo, nos aproximaremos desses três filmes de Rossellini onde essas questões são mais claramente visadas.

Ao final, indicaremos de que modo essas vivências do Sagrado se integram à concepção do Cinema como um modo de conhecimento do Mundo e do Outro e que resultarão nos filmes de Rossellini, já na fase final de sua vida, produzidos para a televisão italiana. Filmes como os da série *A luta do Homem por sua sobrevivência* e aqueles sobre Pascal, Sócrates, Santo Agostinho e Jesus Cristo. Nesses filmes há como que um encontro entre os filmes da trilogia da solidão ou dos sentimentos e a situação do ser humano na História ainda que, mais uma vez, longe dos dogmatismos ideológicos ou religiosos. É um reconhecimento da vivência do Sagrado, ou da vida em religião, se quiserem, como essenciais em um ambiente cada vez mais des-

espiritualizado, vivência que pode e deve participar da busca de um mundo de Paz e Justiça profunda.

Identificaremos nos três filmes os momentos em que as personagens defrontam-se com o Sagrado, os instantes em que sua luz irrompe em meio a acontecimentos inusitados. Precisaremos as seqüências e cenas, os instantes em que acontecem essas manifestações, indicando quais entre elas se aproximam dos modos de percepção do Sagrado e das possibilidades de vivências de espiritualidade na globalizada sociedade contemporânea.

Impõem-se algumas perguntas: De que maneira tais manifestações do Sagrado no cinema de Roberto Rossellini, poderiam expressar a inquietação e a angústia do homem do século XXI? No momento em que foram produzidos aqueles filmes, havia no horizonte bem próximo a tragédia da Segunda Guerra Mundial e todas as reflexões ou inquietações filosóficas e religiosas a tinham como referencia. Mas ainda hoje, na sociedade chamada pós-moderna, é possível perceber que algumas daquelas questões tocadas por Rossellini foram além de seu tempo histórico e continuam intensas e pungentes. Por que a imensa dificuldade do homem moderno em ser feliz e satisfazer-se vivendo em algumas sociedades que parecem tão próximas da absolutização do projeto edênico da modernidade em produzir uma superabundância de bens, sem gerar o correspondente em miséria? Fica então muito claro aquilo que o filósofo Luiz Bicca aponta como um aspecto grave e decisivo da situação espiritual de nossa época: “há uma ignorância estrutural e organizada em torno à questão de quem e o que nós realmente somos” (BICCA: 1999). É necessário, portanto rasgar os véus de Maya e incorporar como legítima e não alienante a vivência integradora do Sagrado, longe dos fundamentalismos.

A morte de Deus anunciada por Nietzsche significa o fim de uma determinada expressão religiosa no Ocidente; a do Deus pessoal e antropomórfico, ora Pai amantíssimo, ora Pai irado e vingativo; daquele que é o Senhor da Vida e da Morte; o Deus das negações e das punições. Mas a mesma voz que anunciou a morte desse Deus por mãos humanas, anunciava a sua volta. “Tudo volta, tudo revém...”, cantava e dançava Zaratustra.

Embora ao final de sua vida Roberto Rossellini tenha reafirmado sua posição ateuista e seus últimos textos, entrevistas e projetos indicarem uma aproximação com o marxismo, é inegável que nos filmes realizados entre 1949 e 1954, o seu cinema trata do Sagrado, da possibilidade da Graça e do renascimento do humano, como situações de conhecimento do Mundo e do Outro, mesmo que isso seja buscado em movimentos às vezes desiguais, imprecisos, bruscos, aparentemente sem direção. Esses filmes e personagens parecem indicar que o Sagrado, tal como o vento, sopra onde quer e para quem quer. Sopra para as pessoas comuns, para aqueles que os crentes chamam de “pecadores”, para os que são sórdidos, para os egoístas, até mesmo para aqueles que, entre as impurezas do humano, parecem a nós outros roçar as franjas da santidade. Já disse alguém que visar ou ter a santidade como projeto e meta é a maior e mais terrível das vaidades. No cinema de Rossellini, em nenhum momento, os personagens costeiam essa armadilha. São todos humanos, demasiadamente humanos.